



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A ATLÂNTIDA E AS DEZ CASSITÉRIDES.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1912 | Número: 29

Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, A Atlântida e as dez Cassitérides. *Revista de Guimarães*, 29 (3) Jul.-Set. 1912, p. 97-115.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A ATLANTIDA E AS DEZ CASSITERIDES

«... l'école moderne qui ne voit que des mythes aux origines de l'histoire et qui se fait un bonheur de reléguer au rang des fables les événements les plus simples et les mieux constatés.»

Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 287.

Este artigo amplia ou substitue o que publiquei sob o titulo de «A Atlantida» a pag. 5 do volume xxviii d'esta mesma REVISTA, pois é coisa muito diversa embora entre os resultados, a que chego n'um e n'outro, não haja muito mais do que a differença, que ha sempre, entre a parte e o todo.

O problema é ainda mais simples de resolver, mas ao mesmo tempo mais comprehensivo, do que se me tinha afigurado na occasião. Em balde Platão se esmerou em dar-nos todas as garantias de authenticidade da historia que nos contava. Elle citou-nos as auctoridades em que se fundava, os sacerdotes de Saïs e Solon; disse-nos quem guardava ainda no seu tempo os escriptos do grande philosopho, as testemunhas a quem este tinha narrado a velha historia; determinou a época do successo com a approximação possível; avisounos de que os nomes gregos dados aos filhos de Poseidon, e portanto aos seus reinos, eram a traducção d'outros em egypcio, traducção por sua vez dos primitivos na lingua do paiz, o que indicava logo serem esses nomes meros traços descriptivos mais ou menos caracteristicos dos povos ou cidades mencionadas. Infelizmente Platão não se contentou em dar-

nos uma data approximada, mas historica, e deu-nos outra em numero certo d'annos, mas *geologica*: infelizmente ainda, querendo explicar o desaparecimento da grande ilha, que ninguem encontrava onde era esperada, deu-nos como factio certo e averiguado a hypothese precipitada de um cataclismo grandiosamente dramatico, que absorveu a attenção das gerações que se lhe seguiram. E assim, estes elementos de somenos valor tornaram-se o principal da lenda, e, sendo puras illusões d'um grande espirito, tornaram-se a unica Verdade, que todos procuravam, inutilizando por completo, para a sciencia, certamente o mais antigo documento da historia do occidente conhecido até hoje.

Isto me parece poder estabelecer-se muito facilmente e deixar provado nas poucas paginas, que vão seguir-se.

Quando os deuses procederam á partilha do mundo, coube a Poseidon, deus do mar, a Atlantida. Um dia que elle andava visitando os seus dominios, chegou a uma planicie deliciosa, adiante da qual, n'um monte não muito elevado, vivia Evenor, «o valente», um dos primogenitos da Terra, com a sua companheira Leucippe, «a do cavallo branco», e a «docil (?)» Clito, sua filha unica. Como na Grecia, onde foi seu costume de sempre, Poseidon amou a rapariga e, ao fallecimento dos paes, uniu-se a ella. «Cinco vezes Clito concebeu e, de cada uma d'ellas, deu o sêr a um par de gemeos do sexo masculino. Poseidon creou-os, poz-lhes nomes e mais tarde dividiu a Atlantida em dez porções, dando uma a cada filho. Ao mais velho dos primeiros gemeos deu a morada da mãe com a terra vasta e fertil, que se estendia ao derredor, e fel-o rei de seus irmãos, aos quaes tambem fizera soberanos de grande multidão de homens e extensão de terra. Esse primeiro gêmeo e primeiro rei chamou-se Atlas e foi d'elle que toda a ilha e todo o mar tiraram o nome de Atlantico. Seu irmão, segundo gêmeo, teve em partilha a extremidade da ilha visinha das Columnas de Hercules e da terra ainda hoje chamada gadirica por via d'essa visinhança; chamava-se em grego Eumele e na lingua do paiz Gadir, e foi este o nome que poz á região»¹.

¹ Platão, *Critias*.

Não pôde haver duas maneiras de entender estas palavras de Platão. N'estes dois reinos ou porções da Atlantida trata-se indubitavelmente de Gadir (Cadix), o velho e opulento Tartessus ou Tarshisch, que havia de guardar mais tarde o monopólio commercial do Occidente, tão fallado depois nas escripturas sagradas dos Hebreus; trata-se tambem da Região do Atlas, egualmente bem conhecida e afamada na mythologia grega, e tão visinha d'aquella que, pelo macisso triangular, que a termina ao noroeste, tão pejado de tradições, apenas os separa o estreito de Gibraltar.

Sendo isto assim, como é, e examinado com o espirito isento de quaesquer preconceitos, começa já a vêr-se o que pôde ser a Atlantida, a resenha geographica das communi-dades politicas ou commerciaes do Occidente n'uma época remotissima. Começa a vêr-se; mas nós precisamos da certeza, e, para a alcançarmos, Platão não nos dá mais informações do que as que por ventura constem dos proprios nomes dos filhos de Poseidon, traduzidos do egypcio para grego e para o egypcio da lingua indigena.

São os seguintes, conforme um dictionario da lingua grega, menos os dois primeiros:

1.º grupo de gemeos

Atlas — «celui qui supporte de compagnie» ¹.

Gadir — «la forteresse» ² ou Eumele (Εὐμελε) «que tem muitas e magnificas ovelhas».

2.º grupo

Amphère (Ἀμφήρης) — «controvertido, disputado».

Eudemon ³ (Εὐδαίμων) — «feliz, afortunado, cuja sorte é prospera: *alg. vez* rico, opulento». A raiz Δαίμων significa «deus, demonio, *no pl.* os manes, os genios infernaes, as sombras dos mortos».

¹ Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, II, pag. 25.

² Kiepert, *Manuel de Géographie ancienne*, Paris 1887, pag. 257.

³ Platão, ed. de Bipontium 1787; a trad. de Schwalbé traz Évémon.

3.º grupo

Mnéséa (Μνήστια) — « reminiscencia, saudade ».
 Autochthones (Αυτοχθων) — « indigena ».

4.º grupo

Élasippe (Ελάσιππος) — « que anima os corceis, cavalleiro, escudeiro ».
 Mesora¹ (Μέσσορας) — « que serve de limite, marco servindo de limite ».

5.º grupo

Azaès (Αζα,πς) — « fuligem, negrura de corpo queimado, borra secca, sujidade ».
 Diaprépès (Διαπρεπής) — distincto, notavel, illustre. Πρεπο — fazer-se distinguir. Δια — Jupiter?

Eis o que dizem os nomes da lista de Platão, nomes dos filhos de Poseidon e dos seus reinos. Para a pesquisa dos paizes a que devem ser applicados, nada por ora nos adianta; materia para hypotheses, um ou outro debil raio de luz na noite tenebrosa; mas não passa d'isto.

Desde que este assumpto começou a preoccupar-me, a coincidencia da divisão da Atlantida em dez reinos com a divisão das Cassiterides em dez ilhas causou-me sempre uma tal ou qual suspeita. Infelizmente d'ahi tambem nos não póde vir auxilio nenhum; pois que ainda hoje se discute o que eram as Cassiterides. Mullenhoff via-as na Inglaterra, Sarmiento nas regiões meridionaes da mesma ilha, Mr. Salomon Reinach nas Scilly, embora consideradas como logares de deposito, visto não haver estanho n'ellas, e Mr. Louis Siret na Armórica. Todos para o norte; mas nenhum insistindo na divisão em dez, apontada por Strabon e Ptolemeu. D'esta fórma, impossivel fazer uma approximação qualquer. E, se mais tarde vier a poder-se fazer, será em beneficio das Cassiterides e não dos reinos da Atlantida. Devo porém a essa impressão o pensamento de estabelecer com as ilhas conhecidas das relações antigas a approximação que não podia realizar com as Cassi-

¹ Bipontium; Schwalbé leu Mestor.

terides. É o que vamos fazer com os dois poemas de Avieno, começando pela *Descriptio Orbis Terrae*, versão livre de Diniz o Periegeta.

São estas as ilhas que menciona no Mar Exterior ¹.

- 1.^a — Hesperides,
- 2.^a — « Erythia »,
- 3.^a — « Sacrum mons », incluído no numero das ilhas, como se vê dos versos 736-738,
- 4.^a — « Britanorum », hæ numero geminae,
- 5.^a — « Et brevis e pelago vertex subit »,
- 6.^a — « Thulé »,
- 7.^a — « Insula aurea ».

Ao todo sete. Para obter-se o numero *consagrado* de dez, seria preciso desdobrar as Britanorum e contar as Hesperides por tres, como na fabula ! É forçado. Além d'isso, são relativamente modernos os elementos de que se serviu, posteriores a Pytheas, mas ainda envoltos nos sonhos lendarios da Erythæa, etc. Fornece porém informações principalmente negativas, de valor; vêr-se-ha depois.

Os povos, que conhece são os *Mauri propter columnas*, os *Iberos magnanimos*,

Ili super Oceani borealis frigida tangunt,

Æquora.

e os Bretões.

Seremos mais felizes com a outra obra do mesmo auctor, *Ora Maritima*, feita sobre um periplo ou periegêse do sec. vi a. C. As ilhas do Occidente, que menciona, são as seguintes :

- 1.^a — Insula Gadir (v. 283).
- 2.^a — Insula Cartara (v. 255).
- 3.^a — Insula Agonida (v. 214 ; ha ahi duas ilhas, mas a mais pequena nem nome tem).
- 4.^a — Paetonion insula (v. 199).
- 5.^a — Insula Achale (v. 183).
- 6.^a — Pelagia insula (v. 164).
- 7.^a — Insulas duas (v. 159, inhabitadas de pequenas que são).
- 8.^a — Insula Albionum (v. 112).

¹ Versos 739 a 771.

9.^a — Insula Sacra (v. 108).

10.^a — Insulae OĒstrymnides (v. 96; não diz quantas).

Agora temos as dez. Os povos, que as habitam, são: na n.º 10 os OĒstrymnios, na n.º 9 os Hibernos, na n.º 8 os Albiões, nas seguintes e pela mesma ordem os Draganes, Ligures, Saefes, Cempses, velhos e novos. Faltam-nos os habitantes de Atlas e Gadir; mas esses sabemol-os nós.

É preciso agora tirar a limpo se da comparação das tres listas umas com outras resalta alguma luz que esclareça o nosso problema. Para isso é preciso manter cuidadosamente a ordem em que os diversos logares foram encontrados em cada lista, apenas me auctorisando a espaçar alguns na 2.^a, manifestamente deficiente, segundo a sua correspondencia conhecida. Assim :

1. ^a	2. ^a	3. ^a	4. ^a (povos)
Atlas. Eumele-Gadira.	I. Hesperides. Erythia (p. Gædes).	Gadir.	<i>Atlantes.</i> <i>Tartessios.</i>
—	—	—	—
Amphère. Eudemon.	Sacro.	Cartara. Agonida.	Cempses antigos. Cynetes.
—	—	—	—
Mneséa. Autochthone.	—	Paetonium. Achale.	Cempses. Saefes.
—	—	—	—
Elasippe. Mésora.	—	Pelagia. Insulas duas.	Ligures. Draganes.
—	—	—	—
Azaes. Diaprèpès.	I. Britannorum. I. Britannorum 2. ^a	I. Altionum. I. Sacra.	Bretões. Hibernos.
—	?	—	—
—	Thulé. Insula aurea.	I. OĒstrymnides.	—

Ninguem me estranhará com certeza que eu tenha feito descer na 2.^a relação o Sacro á correspondencia dos Cynetes na 4.^a Na 3.^a, falta o Atlas e crescem os OĒstrymnides; naturalmente porque o auctor não tinha de occupar-se do Atlas e, quanto ás OĒstrymnides, porque a geographia da região tinha mudado, como se verá. Podemos agora, estudando cada um dos reinos da Atlantida, vêr o que nos quiz dizer o auctor desconhecido da noticia de Platão, sendo bom todavia observar desde já que na « Ora maritima » as ilhas significam sempre, *ou indicam*, uma cidade, sendo mesmo por isso que o anonymo, auctor da periegêse, que serviu de base ao

poema de Avieno, apenas cita uma ou outra, que lhe convem mencionar, deixando as restantes sem menção.

I — Atlas

Não tenho a este respeito nada a acrescentar de essencial ao que já fica dito. Não posso porém deixar de notar que a etymologia de Jubainville se accomoda muito mais rigorosamente ao Atlas de Platão do que ao Atlas da Columna. É muito mais natural dizer-se que *supporta companhia* o monarca, que herda o seu imperio dividido por mais nove irmãos, do que chamar companhia á columna com que posteriormente o fizeram aguentar-se. Não deixemos tambem de observar que Herodoto (e outros depois) ainda conheceu no noroeste da Libya um povo chamado Atlantes ¹, embora os geographos modernos o não vejam, mesmo quando copiam do proprio pae da historia a relação dos povos que então o habitavam, talvez receiosos de toparem com um povo mythico, que comprometta a sua seriedade. Parece-lhes absurdo, penso eu, que n'uma região de sempre chamada Atlas podesse haver um povo, uma tribu chamada Atlantes! fosse Atlas o que fosse, aqui sem duvida um heroe eponymo como tantos, a personificação d'um povo.

II — Eumele

Eumele e Gadira não significam a mesma coisa; mas a significação de Eumele ajusta-se perfeitamente á *gadir*, capital dos Tartessios. Estamos na moderna Andaluzia ainda hoje famosa pela producção dos seus *merinos*. É a Turdetania de que Strabão dizia: « Antigamente vinham-nos tambem de lá nitos dos seus tecidos, dos seus estofos. Hoje são ainda mais procuradas as suas lãs do que as coraxiannas; na verdade não ha nada mais bello, e, ao vê-las, explica-se perfeitamente que se pague por um talento um carneiro reproductor da Tudertania » ². E, dos visinhos Cynetes, que habitavam, segundo Trogo Pompeu, os bosques dos Tartessios, dizia vieno: « Os habitantes possuem cabras de grande pello e nitos bodes, que vagueiam constantemente por entre os ratts: estes animaes fornecem uma sêda forte e espessa

¹ Herodoto.

² *Geog.*, III, II, 6.

para as tendas de campanha e para as velas dos navios » ¹. Não pôde, pois, negar-se, cuido eu, que este príncipe tinha todo o direito a chamar-se Eumele, *um rico proprietario de muitas e bellas ovelhas*.

III — Amphère

Corresponde na lista 3.^a a Cartara, na 4.^a aos Gempses antigos. Avieno conta assim a sua triste historia :

«Segue-se a ilha de Cartara, que, segundo é voz corrente, foi em tempo occupada pelos Gempses ». E acrescenta immediatamente : «Expulsos depois pela guerra, que lhe moveram os seus visinhos, estes povos foram procurar outros logares » ². D'ahi, na relação de Platão, chamar-se, e com toda a justiça, Amphère, o *disputado*.

IV — Eudemon

Posto o Sacrum da lista 2.^a em relação com os Cynetes, como não podia deixar de ser, dada a deficiencia da lista, ficam a corresponder com elles a ilha Agonida e o Eudemon. Este ultimo nome está tambem, pela sua significação atraz exposta, em perfeita conformidade com o character e as lendas sagradas, que illustravam desde os mais antigos tempos o cabo de S. Vicente. Falta-nos portanto procurar apenas o que poderá ser a ilha Agonida, não tanto por ella, como pela cidade que subentende.

Esta consideração afasta-me das hypotheses apresentadas até agora ³. Eu vejo a Agonida em qualquer das ilhas de areia do cabo de Santa Maria, e a cidade n'essa região a que Mela chama o *Cuneus ager*, Cuneus = cunha é uma etymologia popular feita pelos escriptores classicos. Cuneus-ager tem a mesma significação que tem em outras expressões correspondentes : *ager romanus*, *ager tartessius*, *ager Ophiusae*, etc.

¹ *Ora M.*, v. 218-221.

² *Ora M.*, v. 255 e 259.

³ Sobre o assumpto em que vamos entrar, o leitor tem na nossa lingua duas obras dignas sempre de consulta: *Ora maritima*, 2.^a ed., de F. Martins Sarmiento, e *Religiões da Lusitania*, do snr. J. Leite de Vasconcellos. É com ellas que eu estabeleço a comparação da narrativa da Atlantida.

Na nossa especie valerá então como *região dos Coneos*, sendo esta expressão referida ao nome da capital dos Cynetes, a velha cidade de *Con-istorgis*, talvez depois Estor ou Estoy.

Valeria assim Conistorgis como quem dissesse hoje o *Estoy dos Coneos*. Appiano diz mesmo: « Conistorgis no paiz dos Coneos ¹. A forma *Estor* encontro-a só em Duarte Nunes de Leão ², que a approxima de Estombar e não d'Estoy, com o mesmo direito, supponho, com que eu faço o contrario, pois que, provavelmente, lh'a suggeriu apenas « A relação das sédas do seculo XIII » mencionando a *Estorensem* ³.

V — Mneséa

Mneséa, Paetanion, Cempses; cá os temos outra vez, aos pobres Cempses, no fim da carreira em que vieram de Cartara. Deve notar-se que, no verso 55, o anonymo auctor do periplo se refere ao abandono da cidade primitiva, como simples tradição antiga, embora constante, emquanto o nome symbolico, que lhes é dado no seu novo logar, mostra ainda viva a recordação e a saudade da patria perdida e a dôr do exilio recente.

Nos versos 178-180 da *Ora Marítima*, Sarmiento reconheceu uma estrada, que, partindo dos Tartessios, vinha ter á foz do Tejo. Podiam ter sido os Cempses que a iniciassem na sua fuga; mas a menção d'ella no poema faz vêr que era uma estrada muito concorrida ainda no tempo do anonymo. O exodo não seria completo, as relações entre o ponto de partida e o de chegada continuariam ainda por muito tempo. Em todo o caso, este pequeno povo de uma cidade, desgraçado e dividido, apparece-nos mais tarde no outro poema de Avieno, a *Descrição do Universo*, traducção livre de um auctor do IV seculo, occupando todo o occidente da Hespanha até os Pyreneus! Ninguem mais soube isto; mas ultimamente assim foi acreditado.

A ilha Paetanion não pôde ser a ilha do Pessegueiro; porque ella anda associada a um *vasto porto*, e, ao sul do Tejo, nenhum merece ser assim designado como o do Sado; porque os Cempses ficavam na Ophiusa e limitavam com os

¹ L. VI, LVII-LVIII.

² *Desc. do Reino de Portugal*, 2.^a col., pag. 29.

³ *Espanha Sagrada*, vol. IV, pag. 267.

Cynetes e, n'essa hypothese, ficaria muito reduzido o territorio d'estes e muito ampliado o *ager Ophiusae*. A ilha Paetanion não pôde ser o mesmo que a ilha Achale; porque uma é dos Cempses e a outra dos Saefes, como se vae vêr.

Aqui convém recordar o que já ficou dito: as ilhas na *Ora Maritima* são cidades no littoral ou as indicam. Esta de que se trata está situada

... ad Saefum latus

e por isso nos occuparemos de ambas no numero immediato.

VI — Autochtone

A «ilha chamada Achale pelos *indigenas*» pertencia aos Saefes, segundo a nossa tabella comparativa. São esses portanto os indigenas, os «autochtones» de Platão, assim como os Barbaros de Ptolemeu (prom. Barbarium), e fica provado que não é nada manifesto que *ab incolis* não passe de mera redundancia poetica. As phantasias poeticas de Avieno virão mais abaixo, não são estas.

O viajante vem do Tejo. Primeiramente encontra o cabo Cepresico, ou Cempstico segundo a correção de Wernedorf, ou Barbarium, segundo Ptolomeu; em seguida fica-lhe logo por baixo, *subjacet*, a ilha, abrigada pelo cabo, na costa onde se encontra Cezimbra.

Os Saefes parece serem tambem um pequeno ou disseminado povo, e por isso os vemos acantonados n'uma das suas pequenas cidades nos limites dos Cynetes e d'Ophiusa, como os Cempses, a quem acolheram. A Paetanion d'estes ficava, tambem segundo a lição de Holder,

... ad Saefum latus;

portanto ainda na margem sul da provincia d'Arrabida; supponhamos (unicamente como exemplificação do pensamento) Cezimbra e Setubal, uma dos Saefes, outra dos Cempses. Aquella (dos Barbaros, note-se) caberia a immunda descrição de Avieno de verso 185 por deante.

O *ager Ophiusae* abrangia a península d'Arrabida e n'esta habitariam os dois povos em altos montes. Para a mesquinhez com que se apresentam na historia, já não será dar-lhes pouco.

VIII — **Élasippo**

A situação da ilha Pelagia deduz-se dos versos seguintes :

... post Pelagia est insula (v. 164)

e logo *immediatamente* :

... prominens surgit dehinc
Ophiusae in oras..... (v. 172)

Como Sarmento disse, os cabos indicam portos, e, como também é verdade, as ilhas indicam cidades. É o que acontece agora com o *prominens*... *in oras*, que vae do cabo Carvoeiro ao cabo da Roca. Sarmento não accitou esta significação do *prominens*, proposta por Mullenhoff; porque precisava d'um logar certo e determinado para acabar a *jornada*, que vinha do cabo Aryium; mas esse ponto ficava da mesma maneira fixado, lá onde o «*prominens*» *surgit*. Ahi começa para terminar no Roca. A ilha está também indicando a cidade proxima; essa ilha é uma das Berlengas. Um dos motivos porque Sarmento também não accitou esta hypothese é que as Berlengas não eram uma só; mas o auctor do roteiro nunca teve em vista descrever todas as ilhas (propriamente ditas) do occidente; aproveitava apenas as que lhe convinham. Foi o que elle aqui fez, distinguindo aquella, que era

... Saturno sacra (v. 165)

A outra objecção, tirada da propria descripção, que d'ella faz Avieno, também me não parece grave. O poeta diz em *summa* que a ilha abundava em hervas e era muito batida do vento e do mar.

Ao terminar da *saliencia* (*prominens*), virando para o golfo, apparece-nos a cidade; para os poetas, *Ophiusa*, para os geographos e historiadores deve ser Oliusa, primeiro elemento de Oliosipon com a terminação phenicia, que lhe dará a significação de *cidade de Liuses* (?). Liuses, segundo Jubainville, é o mesmo que Ligures, e, no nosso quadro comparativo, lá estão os Ligures correspondendo com Pelagia e Élasippo. Com a narrativa de Avieno igualmente concorda,

pontuando os versos como certamente devem ser entendidos:

Cempsi atque Saefes arduos colles habent
 Ophiusae in agro: propter hos pernix Ligus,
 Draganumque proles sub nivoso maxime
 Septemtrione, collocaverant larem.

Os Ligures lá estão *propter hos*, tão perto de Cempses e Saefes, que estes até ficam *in agro Ophiusae*, como os Draganes nos montes nevosos do norte. Élasippo é pois o Ligur infatigável, o ágil e feliz cavalleiro, que montava as velozes eguas da Lusitania, filhas do vento, de que fallam os auctores classicos.

VIII — Mégora

Observando o quadro comparativo, que vamos estudando **parcellarmente**, o leitor notou que a columna n.º 3 constante das itbas da *Ora Maritima*, apresenta umas ilhas a mais, as OE-trymuides, que eu abandonei como estranhas e que realmente o são, á columna n.º 1. Que significa isso?

Significa que a noticia historica dos sacerdotes de Saís é anterior, assim como o roteiro da *Ora Maritima* é posterior ao exodo dos OE-trymnios. Neste meio tempo os Draganes, isto é, os Brigantes ou Bragantes (?) vieram de uma das ilhas dos Hiernos ou dos Albiões (provavelmente d'esta ultima; o leitor verá isso no numero seguinte), accometteram os OEstrymnios, puzeram-os fóra da terra, substituindo-os na região, que elles occupavam, a noroeste da Hispanha.

Os OEstrymnios expulsos foram habitar o littoral do mar da Mancha, fazendo assim os dois povos uma especie de *chassé-croisé*. Os Brigantes eram um grande povo, estirpe provavel dos povos da Callaecia, onde uma carta do seculo x, ainda se recorda da grande região de Brigantia, e onde fundaram a cidade depois chamada Flavium Brigantium, Bragança e não sei se Brachara. Posto isto, os Dercynos, que Jubainville identificou com Draganes (Dercunos, personificação provavel dos Draganes ¹), serão tambem os Brigantes da ilha dos Albiões, companheiros dos Ligures com quem Hercules abi se bateu? Não esqueça que a este Dercyno Pomponio Mella

¹ Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, I, pag. 350.

hama Bergion. Seria, pois, com o nome d'estes Bragantes corrigido em *Draganes* e o de Oliusa corrigido em *Ophiusa*, que Avieno constituiu mais uma vez a conhecida anedocta historico-poetica d'um exercito de serpentes assaltando um povo, que é assim posto fóra da terra, ficando esta vazia.

O leitor vae vêr isto quasi demonstrado, á parte quaesquer razões glotticas, que por acaso haja em contrario da aproximação Bragantes-Dercunos ou Bergion.

Um dos pontos mais difficeis da restauração ou interpretação da *Ora Maritima* é exactamente o que se refere á passagem, que agora nos occupa, querendo-se vêr as estações indicadas na costa do poente, principalmente a tentadora identificação do Aryium d'Avieno com o Avarum de Ptolomeu, as *insulae duae* de Avieno com as *Deorum insulae duae* de Ptolomeu.

Por mais que tenha procurado, não vejo maneira de admittir essa hypothese, a não se transferir tudo para o litoral do norte, ou será preciso julgar viciado o roteiro por consusão em que se visse Avieno, julgando de mais o grupo do poente, se por ventura o roteiro indicava duas estações diversas, uma dos Brigantes, ao norte, outra dos antigos habitantes, os Oestrymnios, a oeste, ambas ellas assignaladas, cada uma por seu cabo e duas ilhas deshabitadas. A não ser assim... o *texto novo* manda-nos ir em qualquer caso para o *Magnus portus*. A regra exige que os cabos indiquem portos e as ilhas cidades. Aquí parece haver, não um cabo mas dois e as duas ilhas tão pequenas que são por isso inhabitaveis. O cabo de Venus é hoje talvez o Ortegai ou o Prior; as duas ilhas serão os islotes de Gabeiras; o cabo Aryium de Avieno será o *Solis vrae* (mesmo no nome — o Arae) de Ptolomeu, talvez o S. Adrian, que tambem tem duas ilhas, para o caso de não servirem as primeiras, as Sisargas. E assim ficaram grandemente assignalados o porto e a cidade de Flavium Brigantium, sendo que o segundo cabo, no lugar occupado pela sua descripção no poema, interrompida como é a *jornada*, que vem fazendo, com a contagem da distancia, que d'ahi vae até as columnas do poderoso Hercules, serve apenas para fixar esta estação na viagem. É certo que as medidas anteriores ficam bastante augmentadas, entre o Aryium e o Prominens in oras; nas pouco maiores do que era admittido por Mülller e, applicado o mesmo metro em direcção ao norte, os cinco dias levam exactamente ao Pas de Calais, uma das columnas exteriores de Sarmento.

Onde está, porém, o novo texto, a grande prova? perguntará o leitor. Esse texto insophismavel é o nome do grande monarca Mésaro, o *extremo*, o *marco servindo de limite*, o celebre monumento erigido pelos ÆEstrymnios «ubi Brigantia civitas Galleciae sita, antiquissimum pharum et inter pauca memorandi operis ad speculam Britanniae»¹. Não falta nada.

IX — **Anacés**

Esta identificação faz-se com um nome — os *Pictos*, que se diz deverem o seu nome ao habito de se pintarem. Os *Pictos* (Cruithne, um dos povos irlandezes mais antigos) eram uma tribu da Caledonia, visinhos dos Bretões. D'estes, diz Cesar, que pintavam o corpo de verde-mar. D'uns e d'outros, diz Plinio, que o pintavam de azul. Dos seus parentes, ribeirinhos do Douro, contava Strabão que viviam á maneira dos Lacedemonios e se untavam com oleo. Havia-os que se pintavam de negro. Na Thracia, segundo Herodoto, os nobres distinguiam-se do vulgo pintando o corpo. Mas aqui, como se verá, o nome é posto n'um sentido humilhante, e, visto que elle comporta a ideia de — borra secca — deverá traduzir-se — o Borrado.

X — **Diaprépès**

Com esta o mesmo. A Irlanda era chamada desde a mais remota antiguidade a *Sacra*,

... sic insulam
Dixere prisca ...

diz Avieno. Era isto no tempo dos *Nemedes*, os celestes, os distinctos, escolhidos de Jupiter, os santos.

E ahí está o que é a Atlantida!

Não... ainda não é tudo. Falta saber-se o que levou a grande ilha e, para isto, nada mais característico e illucidativo do que a seguinte passagem d'Herodoto:

«... os Gregos, que habitam as margens (*do sul*) do

¹ Paulo Osorio (*Coloniae*, M.D.XLIII) pag. 18.

Ponto-Euxino, dizem que Hercules chegou com os bois de Geryon ao paiz occupado agora pelos Scythas, n'esse tempo deserto; que Geryon morava *para além do Ponto*, n'uma ilha a que os Gregos chamam Erythia, a qual Erythia (ora vejam!) era situada ao pé de Gades, no Oceano, para além das columnas d'Hercules» ¹. Ia-se para o polo para chegar ao poente.

Vejamos isto por partes; porque só por partes pôde ser visto.

Diziam pois os Gregos do Ponto-Euxino que Hercules chegára com os bois ao paiz dos Scythas, então deserto; era isto na margem esquerda do Danubio inferior. Que Geryon morava para além do Ponto, portanto para o norte; tinha descido pois o Danubio, tinha provavelmente subido o Rheno e atravessado o mar da Scythia, que assim se chamava tambem aos mares do norte, passando da foz do Tamisa (na Erythia — Inglaterra) para a do Rheno. É em parte uma variante do itinerario da volta dos Argonautas, restaurado por Sarmiento ².

Ao tempo que isto se dizia nas margens do Ponto-Euxino, pelas ilhas do mar Egeu dizia-se outra coisa. As columnas d'Hercules do estreito occidental, assignalavam as extremidades da terra e do mar e, para além d'ellas, não havia mais nada do que uma ilha, maior do que a Libya e a Asia juntas, que pela sua posição *à beira do estreito*, facilitava a comunicação entre os povos do occidente, ilha esta que os Egypcios chamavam Atlantida e os Gregos chamavam Erythia. «Erythia dos Atlantes», lhe chama Clemente d'Alexaudria ³. Como as Columnas eram no fim do mundo e para lá ainda havia essa grande terra, ella ficava infallivelmente á beira das Columnas e tudo quanto a vaga tradição dizia aos Gregos que ficava para o occidente, ou para o norte, desde que lá se chegasse por mar, ahí ficava tambem.

Quando os Gregos chegaram ás Columnas, não encontraram Atlantida nem Erythia ao pé de Gades, como dizia Herodoto. Ficaria então ao pé do Sacro, como quer Diniz o parieteta ⁴; mas tambem lá não estava. Ficaria com certeza em

¹ Herodoto, IV-VIII.

² F. Martins Sarmiento, *Os Argonautas*. Para Erythia o primeiro capitulo e immediatos.

³ *Stromata*, 81.

⁴ Avienus, *Descriptio orbis terrae*, v, 741.

frente da Lusitania, como o pretendeu Pomponio Mela ¹. E assim, atraz da miragem, sempre na esperança d'encontrar a grande ilha, que lhes facilitasse a passagem para as outras ilhas e terras, sem terem d'arrostar com os pavores do grande Oceano, assim chegaram tambem pelo sul á Inglaterra e sem a conhecerem ainda passaram além; porque a *insula aurea* do verso 769 do mesmo Deniz, que elle localisa não sei se para os mares do norte, se para o mar polar, é a Erythia, a *vermelha*, é a Atlantida, a Inglaterra que, em vez de abysmar-se no fundo do mar como depois se pretendeu, continua, pelo contrario, não já conservando só a hegemonia politica do occidente, que Poseidon estabelecera a Atlas, mas a quasi hegemonia do mundo.

Assim, a grande ilha da Atlantida não é mais do que uma segunda fórma do reino de Azaës, não perturba, não altera o numero consagrado de dez ilhas de que constava todo o conjunto da Atlantida, tal e qual como eram as dez ilhas Cassiterides, ácerca das quaes podemos já agora dizer qualquer coisa, que não pareça logo ás primeiras palavras uma pura hypothese lunatica.

As Cassiterides entram na historia na fórma de um grupo de ilhas, situadas ao noroeste da Hispanha e a muito maior distancia de qualquer outra região da terra firme. É a posição que lhes marca Ptolemeu ². Strabão diz que ellas se encontram a partir do porto dos Artabros para o norte ³. É a mesma noticia. Mela, o mesmo; diz que as Cassiterides, abundantes em chumbo, existem entre os Celtici ⁴. Ora, os Celtici ficam exactamente no noroeste da Hispanha; são os Artabros de Strabão. Diodoro Siculo explica que as minas estão nas ilhas do Oceano, chamadas *por isso* Cassiterides, em frente da Iberia e por cima da Lusitania ⁵. Por cima da Lusitania fica a Callaecia. Acabemos pelo grande geographo Plinio. N'uma passagem confirma a noticia de todos ⁶; n'outra nega a existencia d'ellas ⁷.

Realmente, o grupo das Cassiterides não appareceu em

¹ *De situ orbis*, III, 6, citado por Sarmiento.

² *Mercator*, carta segunda.

³ III, 5, 11.

⁴ III, 6.

⁵ V, xxxviii.

⁶ IV, 36.

⁷ xxxiv, 47.

parte nenhuma. Ainda hoje, uns identificam-as com as Scilly, a sudoeste da Inglaterra, outros com umas ilhas da Armorica, fazendo uns e outros pouco caso do numero de dez. Mas, salvo o respeito devido aos sabios, que defendem essas opiniões, se o archipelago não apparecia em parte nenhuma, se, por outro lado, é sabido que as linguas semitas teem uma só palavra para significar *ilha, peninsula, cidade maritima*, não seria natural procurar as Cassiterides na terra firme? Alguns assim o entenderam, localizando-as na Inglaterra, ou nas regiões meridionaes da Inglaterra. Mas, porque não na Callaecia, onde foi tão intensa a pesquisa do estanho, como demonstrou Mr. Louis Siret ¹, onde os recortes da praia offereciam logar para ainda mais de dez portos e muito mais de dez cidades, como se vê pelos *castros*, e pelas praias archaicas de que restam vestigios? Fosse como fosse, o que é certo é que a sciencia moderna tende toda a encontrar as Cassiterides na Inglaterra, especialmente na Cornuallia. E aqui temos nós já duas regiões disputando-se as honras de principaes productoras ou negociadoras do estanho, aqui temos nós já, portanto, duas verdadeiras Cassiterides, não é verdade?

Mas agora, seja-nos permittido perguntar:

Porque razão ha de ser apeada das honras de Cassiteride, e das mais ricas, a velha Gadir, visinha do *Argentarius*, assim chamada pelos antigos:

« Stanno iste namque latera plurimo nitet » ? ²

Porque não é tambem Cassiteride a ilha de Cartara, essa então visinha do monte Cassius, que, na opinião dos Gregos, fôra quem dera o nome ao *cassiteros* ³ e, portanto, ás Cassiterides? Do Sacro diz o pariegeta:

« ... genitrix haec ora metalli
Albentis stanni venas vomit... » ⁴

Porque não tambem Cassiteride? A região onde domi-

¹ *Les Cassiterides*, carte des routes de l'étain.

² *Ora Mar.*, v, 293.

³ *Ibid.*, v, 260.

⁴ *Descriptis Orbis*, v. 743.

nava Conistorgis, fosse ou não onde hoje Estoy, foi muito trabalhada de minas ¹, e nas margens do Anas ficava-lhe, julgo eu, Cotinae, que é provavelmente Alcoutim ².

Das ilhas ou cidades de Achale e Paetonium e de Oliu-pon nada se diz tambem; mas as regiões em que dominavam eram igualmente mineiras ³, nada sendo de estranhar que negociassem com ellas pelo menos; o contrario é que seria estranhavel.

A região d'Éblana finalmente marca-a M. Louis Siret ⁴ tambem como productora de estanho, e, dada pelo menos a visinhança em que o Atlas se encontra da Hispanha, em nenhuma d'ellas deixamos de encontrar, ou a prova de terem sido *cassiterides*, ou condições topographicas taes que as tornavam fatalmente traficantes do estanho, portanto possivelmente cassiterides.

Assim, a hypothese a que o estudo da Atlantida me levou, a respeito das *dez ilhas cassiterides* de Ptolemeu e Strabão, suppondo que ellas sejam, pelo menos no principio, os dez reinos da Atlantida, não parecerá destituída de fundamento. Ha todavia uma objecção, que é preciso arredar, explicando o facto que a origina. Consiste ella na ignorancia que demonstra de tudo isto, não tanto Ptolemeu, como Marino de Tyro, sobre cujas informações o primeiro escreveu a sua geographia na parte relativa ao occidente. Essa ignorancia explica-se, porém, se admittirmos que as Cassiterides pertenciam ao periodo tyrio da influencia phenicia, e que os Tyrios guardaram o seu segredo tanto dos Carthaginezes, seus irmãos, como de quaesquer outros povos. E que assim foi, parece provarem-no as viagens de reconhecimento pelos paizes do occidente, encarregadas a Hannon e Himilcon pelo governo de Carthago, logo que esta cidade pôde lançar mão ao commercio do Atlantico. Sabendo que existiam as dez Ilhas Cassiterides é de crêr que as procurassem; não as encontrando, não querendo desprezar essa tradição do passado, ou Marino ou Ptolemeu suppuzeram

¹ Snr. J. Leite de Vasconcellos, *ibid.*, pag. 15.

² Strabão, *Geog.*, III, II, 3, onde Cotinae deve referir-se ás margens do Anas, em que ainda não mencionou povoação mineira nenhuma, e que baralha constantemente com as do Baetis, separando a noticia d'esta mina da das outras.

³ Snr. J. Leite, *ibid.*

⁴ Carta citada.

um archipelago a pouca distancia da região mais afamada pela producção do estanho, e essa região foi, pelo menos nos primeiros tempos, o noroeste da Hispanha. Geralmente parece ligar-se a sorte das Cassiterides á das OEstrymnides. Isso poderia explicar como posteriormente todos procuram as ilhas do estanho nas margens ou nas aguas do golpho OEstrymnico.

Rematando, compendiamos assim os resultados a que chegamos :

1) A Atlantida era apenas o littoral atlantico da Europa desde o Atlas até á Irlanda ;

2) O reino d'Atlas, um dos dez reinos da Atlantida, foi o primeiro, o mais importante do grupo, e o que lhe deu o nome ;

3) Os outros eram : Cadix, Cartara (Cartaya ?), o Sacrum (comprehendendo S. Vicente e Santa Maria), os Saefes e Cempses ao sul da Arrabida, Oliusippo, Brigancia, Gran-Bretanha e Irlanda ;

4) A Grande Ilha da Atlantida não era nada mais que a Gran-Bretanha, isto é, um dos dez povos que occupavam esse littoral ;

5) As Dez Ilhas Cassiterides eram muito provavelmente o mesmo que os Dez Reinos da Atlantida, consideradas como o conjunto do mercado do estanho.

D. LEITE DE CASTRO.